

Aryon Rodrigues *professor honoris causa* da UFPR

José Borges Neto
Carlos Alberto Faraco

Por iniciativa do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, o Conselho Universitário da UFPR, em 03 de março de 2009, concedeu a Aryon Rodrigues o título de *Professor Honoris Causa*.

Equivalente ao título de *Doutor Honoris Causa*, mais comumente usado para homenagear figuras destacadas da comunidade, a escolha do título outorgado ao PROFESSOR Aryon Rodrigues serviu como expediente para obter seu retorno à universidade em que se formou e em que lecionou, mesmo que de forma apenas honorífica, eternizando assim sua condição de docente da UFPR.

Na cerimônia de entrega do título, o Prof. Aryon Rodrigues proferiu o discurso que se segue.

Linguística e Antropologia no Paraná nas décadas de 40 a 60 do século passado

Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Não é preciso dizer da emoção que sente quem se vê homenageado e, portanto, reconhecido na instituição em que se formou há sessenta anos. Também indizível é a alegria de poder vir aqui, depois de tantos e tantos anos, para ser recebido por professores e estudantes que, em sua maioria, nunca vi antes. Sou, portanto, profundamente grato aos que propuseram esta homenagem e aos que, sem conhecer-me pessoalmente, apoiaram a proposta.

Usando a expressão clássica nos meios universitários internacionais, devo dizer que a Universidade Federal do Paraná é a minha alma mater, a instituição na qual iniciei minha vida acadêmica. Sou bacharel e licenciado em Letras Clássicas por esta universidade, tendo concluído o bacharelado em 1949 e a licenciatura em 1950. Seja-me permitido lembrar, como homenagem que lhes rendo, os nomes dos professores mais específicos do curso de Letras Clássicas: Rosário Farani Mansur Guérios, de Língua Portuguesa e Linguística, Osvaldo Arns, de Língua e Literatura Gregas, Francisco Ribeiro, de Língua Latina, e Fernando Correa de Azevedo, de Literatura Latina.

Minhas relações com a universidade começaram, entretanto, bem antes de minha matrícula como estudante. O início da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras esteve fortemente ligado aos pesquisadores congregados no Museu Paranaense pelo grande incentivador da pesquisa científica no Paraná que foi o médico e antropólogo José Loureiro de Ascensão Fernandes ou, simplesmente, o Dr. Loureiro. No final da década de 1930, ele reorganizou o Museu Paranaense como instituição de pesquisa, estimulando, além da sua área de Antropologia, as de Zoologia, de Botânica, de Geologia e até de Linguística. Alguns dos responsáveis por essas áreas foram também os que deram início

ao ensino das mesmas naquela Faculdade, como ele mesmo, o zoólogo padre Jesus S. More, o farmacêutico e botânico Carlos Stellfeld e o linguista Rosário F. Mansur Guérios. Eu fui aluno de Mansur Guérios já nas três primeiras séries do curso secundário, no Ginásio Paranaense/Externato, atual Colégio Estadual do Paraná, e, desde a segunda série, em 1940, já manifestava interesse pelas línguas indígenas, sobre as quais, sempre que podia, buscava informações na Biblioteca Estadual e na do Museu Paranaense. Esse interesse passou então a ser alimentado pelo professor Mansur Guérios, que me emprestava livros da sua própria biblioteca. Essa relação começou quando apresentei para o jornalzinho do Ginásio, que Mansur Guérios supervisionava, um escrito sobre “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani”, o qual foi publicado sem alterações, o que muito me animou (parece-me, agora, que para aquele professor de língua materna o estímulo para o desenvolvimento da produção escrita estava em deixar as rédeas soltas e não em prendê-las por purismo ou sofisticação estilística). Na terceira série, apresentei outro trabalho, “Influência portuguesa na sintaxe do Nheengatu”, igualmente publicado no jornal. No ano seguinte, entusiasmado com uma gramática do século XVII sobre uma língua indígena não Tupi, fiz algumas observações gramaticais sobre a mesma e fiz o levantamento do léxico contido na gramática, o qual organizei alfabeticamente. O professor Mansur Guérios decidiu publicar esse trabalho nos Arquivos do museu Paranaense, a nova revista científica que no ano anterior havia sido lançada por Loureiro Fernandes. Trata-se de “O artigo definido e os numerais na língua Kiriri – Vocabulário Português-Kiriri e Kiriri-Português”. Salvo as ligeiras notas sobre os numerais e o que então me pareceu ser um “artigo definido”, trata-se de um trabalho de edição (Arquivos do museu Paranaense 2: 179-212, Curitiba, 1942). Antes de entrar na universidade ainda publiquei nos Arquivos do Museu mais um artigo, que foi uma versão mais elaborada e expandida do primeiro escrito do jornal do Ginásio: “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani” (Arquivos do Museu Paranaense 4: 333-354, Curitiba, 1945).

De 1943 a 1945, tive de deixar o Ginásio Paranaense, que então só tinha cursos diurnos, para trabalhar de dia e estudar à noite, o que se deu no Colégio Novo Ateneu, onde passei a trabalhar como bedel e factotum durante o dia e a fazer o curso científico à noite. Durante esse período, tive minhas primeiras experiências docentes, pois uma noite fui convocado pela direção do colégio para substituir naquela semana um professor do curso primário noturno no bairro da Água Verde e fui ensaiar o ensino não só do Português, mas também da aritmética, da geografia e da história. No semestre seguinte, foi-me determinado assumir o ensino de Francês numa turma ginásial! Pretendia fazer o vestibular para a universidade no início de 1946, mas fui convocado em dezembro de 1945 para o serviço militar e designado para servir desde janeiro de 1946 na artilharia da costa, no Forte de Paranaguá, na Ilha do Mel. O comandante da bateria não aceitou liberar-me para o vestibular e assim passei todo o ano de

1946 como recruta, praça e cabo na ilha, com apenas uma interrupção para a cura de uma malária no Hospital Militar de Curitiba, tendo saído no fim do ano como terceiro sargento para a reserva.

Voltando a Curitiba, dei aulas de Latim num cursinho pré-vestibular para Direito, fiz o exame vestibular para Letras e matriculei-me no curso de Letras Clássicas desta, que então, ainda era a única universidade no Paraná. Aí voltei a ser aluno de Mansur Guérios, que na sua cadeira de Língua Portuguesa ensinava muito da Linguística, a qual, por si só, não tinha espaço nesta como nas demais universidades brasileiras; a única exceção era a Federal do Rio de Janeiro, onde a congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, após muita resistência de vários professores, incluía a Linguística como disciplina, mas só do curso de Letras Clássicas e só para os alunos do terceiro e último ano. Lá foi professor de tempo parcial dessa disciplina o grande linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Embora estudando Latim e Grego e suas respectivas literaturas, continuei ocupando-me das línguas indígenas e publiquei vários artigos na revista Logos do Centro Acadêmico da Faculdade. Também continuei a interessar-me por outras línguas, estudei um pouco de Árabe num manual de conversação (*Il arabo parlato a Tripoli*) e comecei a traduzir para o Português uma gramática da língua sânscrita publicada em Viena, os dois livros, como tantos outros, emprestados a mim pelo Prof. Mansur Guérios. Além disso, passei a colaborar no Instituto de Pesquisas da Universidade, criado e dirigido pelo professor Loureiro Fernandes. Aí colaborei principalmente em projetos de documentação etnográfica e linguística, assim como de escavação arqueológica de sambaquis. Concluída a graduação em Letras Clássicas, fiz concurso para professor de Português no Colégio Estadual do Paraná, onde lecionei até afastar-me para fazer o doutorado no exterior. Continuei, entretanto, colaborando no Instituto de Pesquisas, tendo feito, já em 1950, uma primeira viagem de campo aos índios Kaingáng de Mangueirinha, em companhia de outro colaborador, Oldemar Blasi, formado em Geografia e História e interessado em Etnografia. Ainda para o Instituto de Pesquisas fiz excursões de documentação aos índios Kaingáng do Rio das Cobras, a uma comunidade de agricultores no Vale do Rio Ribeira, então no município de Cerro Azul, e à comunidade negra do município da Lapa para documentar e organizar a Congada. Nessa época fui também membro e secretário executivo da Comissão Paranaense de Folclore e lecionei Folclore na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Foi em 1953 que o Prof. Mansur Guérios organizou a revista Letras, como órgão da área de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta universidade, revista que, com mais de cinquenta anos, ainda está viva, e no seu primeiro número foi publicado meu trabalho sobre a “Morfologia do verbo Tupi” (Letras 1: 121-152, Curitiba, 1953).

Naquele ano de 1953, o Dr. Reinhold Bossmann, professor de Alemão na Faculdade, incentivou-me a candidatar-me a uma bolsa de estudos da Fundação

Alexandre Humboldt, e como meu interesse maior era pela Linguística e, mais particularmente, pela Fonética, sugeriu-me que escolhesse a Universidade de Munique, na qual estava um grande foneticista, o Prof. Forchhammer. Fiz o pedido e obtive a bolsa por um ano, renovável por mais um, a partir de outubro de 1954. Mas a bolsa não incluía a passagem e eu não tinha dinheiro para comprá-la. Meus ex-professores aqui sugeriram que pedisse à reitoria, mas esta informou que não tinha recursos. Encontrei-me, então, com o antropólogo Edison Carneiro, que viera fazer uma palestra em Curitiba, e que era então conselheiro da CAPES. Ele me disse para dirigir-me a essa instituição, mas dela recebi resposta negativa, informando que naquele ano não haviam sido previstas bolsas para a área de Letras. Falei também com o adido cultural da Embaixada da Alemanha, o qual se surpreendeu com a resposta da CAPES, pois havia um acordo segundo o qual os bolsistas selecionados pela Humboldt recebiam passagens da CAPES. Diante do impasse, aconselhou-me pedir à Fundação o adiamento para o ano seguinte, o que eu fiz. Porém, responderam que o adiamento não era possível, mas que, se eu chegasse para o segundo período letivo daquele ano e pedisse então a renovação, ficaria com um ano e meio de bolsa. Foi o que fiz, pus-me a dar aulas para juntar o dinheiro, comprei a passagem na agência de viagens do pai do famoso físico César Lattes e viajei de navio até Gênova e de lá, através de Milão e da Suíça, até Friburgo na Alemanha, onde fui encontrar o Freddy Eberlin, um estudante alemão que fez o curso de Letras Neolatinas aqui nesta universidade e que foi por algum tempo o coordenador da revista Logos do Centro Acadêmico e publicador nela de alguns dos meus artigos. Depois de uma semana, segui para Munique, onde me matriculei em 12 disciplinas (a maioria delas de 2 horas semanais). A maioria das universidades alemãs tinha o regime de libertas academica (akademische Freiheit), que permitia aos estudantes escolher livremente a cada semestre as disciplinas que mais lhes conviessem a partir de um rico catálogo de ofertas. Escolhi Sânscrito, Persa antigo, Romeno para principiantes, Dialectologia alemã, Linguística indo-europeia e outras disciplinas. Mas nada de Fonética: o Prof. Forchhammer tinha acabado de aposentar-se e ainda não havia um outro foneticista. Em compensação, havia o Colloquium linguisticum, uma reunião semanal, à tarde, mantido pelo professor aposentado Ferdinand Sommer, já octogenário, famoso por ter sido (com o tcheco B. Hrozny) um dos decifradores da escrita do povo hitita e por ter demonstrado que a língua hitita era mais um ramo da família indo-europeia. O colóquio era frequentado mais por doutorandos ou professores assistentes e era seguido, no fim da tarde, pela saída de todos para um café próximo à universidade, onde as conversas ficavam mais livres. O tema naquele semestre era a discussão de aspectos linguísticos de algumas obras de Plauto, o dramaturgo arcaizante do século IV a. C. Como, nas primeiras sessões, a curiosidade de alguns participantes recaiu sobre este estrangeiro, que falava muito mal o Alemão, ficaram sabendo que eu trabalhava com línguas

do Brasil e isso levou o Prof. Sommer a convidar-me para fazer uma exposição sobre algum aspecto do Tupi antigo. Com muito esforço e com a ajuda de outro participante do Colóquio, o Dr. H. Berg, escrevi sobre um aspecto da gramática daquela língua indígena. Houve tanto interesse e tantas perguntas sobre outros aspectos, que o Prof. Sommer me propôs que continuasse na semana seguinte, e depois na seguinte, e assim foi até o final do semestre. O nosso Tupi arcaico tomou o lugar do Latim arcaico de Plauto. Dessa situação resultou meu primeiro artigo publicado em Alemão e na Alemanha – “Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache” (Fenômenos morfológicos de uma língua de índios) (Münchener Studien zur Sprachwissenschaft 7: 79-88, Munique, 1955).

Apesar disso, o programa da Universidade de Munique não correspondia à minha maior necessidade, que era a de desenvolver o conhecimento fonético e a prática da fonética inexistentes no Brasil e essenciais para o estudo das línguas indígenas. Busquei nos catálogos das demais universidades alemãs e vi que só duas tinham programas de fonética e fonologia – a de Colônia e a de Hamburgo. Numa ida a Bonn para uma reunião de bolsistas da Fundação Humboldt, aproveitei para ir a Colônia conhecer o Prof. Meyer-Eppler, que lá ensinava fonética e fonologia e até assisti a uma aula dele. Mas acabei optando por Hamburgo, cujo Laboratório de Fonética havia sido criado pelo mais famoso foneticista da primeira metade do século XX, Giulio Panconcelli-Calzia, e agora era dirigido pelo Prof. Otto von Essen, que trabalhava com a fonética das línguas africanas dos Hotentotes. Além do laboratório de fonética, a Universidade de Hamburgo tinha um departamento de línguas africanas e outro de línguas malaio-polinésias. Havia lá, portanto, especialistas nas situações linguísticas mais próximas das que nós no Brasil devíamos enfrentar no estudo das línguas dos povos indígenas daqui.

Pedi e obtive autorização da Fundação Humboldt para a transferência e, a partir de outubro de 1955, passei a estudar na Universidade de Hamburgo. Onde a Fundação me sustentou até junho de 1956, fim do período de renovação da bolsa. Inscrevi-me para o doutorado, tomando a Fonética como área de concentração, as línguas africanas como primeira área subsidiária e as línguas malaio-polinésias como segunda área subsidiária. Depois de cursar um semestre de Malaio Indonésio (Bahasa Indonesia), desisti dessa última área subsidiária, pois o professor que assumira a mesma só mostrava interesse no ensino da língua para fins práticos. Minha segunda área subsidiária passou a ser filologia ibero-americana. Meu orientador foi o Prof. von Esse e o tema da tese foi a fonologia da língua tupinambá (Phonologie der Tupinambá-Sprache. Universität Hamburg, 1959), defendida em fevereiro de 1959. Para manter-me após o término da bolsa da Humboldt, passei a dar aulas de Português no Instituto Ibero-americano da universidade. No início de 1957, passei um mês em Portugal com uma ajuda do Departamento de Línguas e Culturas Africanas para fazer um levantamento da bibliografia portuguesa sobre línguas

de Angola, Moçambique e Guiné, tendo trabalhado na biblioteca de Lisboa e nas de Coimbra, Évora, Porto e Braga. Estabeleci contacto com vários colegas portugueses, sobretudo Rodrigo de Sá Nogueira e Luís Felipe Lindley Cintra, em Lisboa, e Manoel da Paiva Boléo e José Herculano de Carvalho, em Coimbra. Em seguida, fui para Zurique, na Suíça, com bolsa de seis meses do Fundo Nacional Suíço para Pesquisas, a fim de analisar os dados da língua indígena Tupari, de Rondônia, registrados pelo etnólogo Franz Caspar. Em 1958, tratei de acabar a tese, com uma bolsa da Fundação Ibero-América, e fiquei em Hamburgo ainda todo o ano de 1959, trabalhando como assistente científico do Departamento de Línguas e Culturas Africanas, então dirigido pelo Prof. Johannes Lukas, especialista em línguas faladas ao sul do Sahara, com o qual eu havia feito um curso de língua Hausa (do nordeste da Nigéria), além de ter seguido também cursos de Kimbundu (Quimbundo, de Angola) e Ewe (de Gana e Benin). Para fixar-me naquele departamento, como desejava o Prof. Lukas, devia submeter um projeto de pesquisa na África e estive considerando ir fazer um levantamento linguístico na Guiné Portuguesa (hoje Guiné-Bissau), cujas línguas ainda eram pouco conhecidas.

Foi então que recebi convite do Prof. Loureiro Fernandes para vir trabalhar na Universidade Federal do Paraná. Ele teve de superar uma dificuldade administrativa, já que, naquela época, a instituição não tinha nenhum professor trabalhando em tempo integral. Como eu viria trabalhar no Departamento de Letras e no de Antropologia, o reitor concordou e o Prof. Loureiro me deu o sinal verde para vir. Comprometi-me a trazer para o Departamento de Antropologia um gravador de som da melhor qualidade então disponível e, mesmo antes de minha vinda, enviar um projeto para instalação nesse departamento de uma câmara acusticamente neutra para a gravação de som. Cheguei em janeiro de 1960, vindo num navio cargueiro de Hamburgo a Santos, com passagem paga pela Fundação Ibero-América. Como o navio fez uma escala de dois dias no Rio de Janeiro, aproveitei para visitar o antropólogo Darcy Ribeiro, que eu já conhecia, e este promoveu um encontro com o Prof. Mattoso Câmara Jr., que eu ainda não conhecia pessoalmente e que se fez acompanhar de sua aluna Yonne Leite, a qual já trabalhava no Museu Nacional. Em São Paulo, fiquei uns dias na casa dos antropólogos Harald Schultz e Vilma Chiara, do Museu Paulista, os quais estavam então trabalhando com os índios Krahô, de Goiás (hoje Tocantins) e hospedando um desses índios. Aproveitei para gravar e transcrever uma amostra do vocabulário da língua Krahô, além de executar outras tarefas, como a entrega no Museu Paulista de um caixão com artefatos dos índios Tupari, de Rondônia, enviado na minha bagagem pelo Prof. Franz Caspar.

Enfim, em Curitiba, fui à reitoria da universidade com o Prof. Loureiro Fernandes, onde o reitor Flávio Suplicy de Lacerda me deu as boas-vindas e nos assegurou que estava tudo certo conforme combinado e que dentro de alguns

dia o secretário da reitoria ia me chamar para assinar o contrato. Quando chamado, não pude assinar o contrato, porque era para trabalho em tempo parcial. Voltei ao gabinete do reitor e este me tranquilizou, dizendo que houve um engano, que seria corrigido e que eu seria chamado para assinar a versão correta do contrato. Chamado de novo, o secretário me apresentou o mesmo documento anterior, esclarecendo que não existia a possibilidade de contratos de tempo integral. Dei conhecimento desse problema ao Prof. Loureiro, o qual foi tratar com o reitor e depois me disse ter sido encontrada uma solução para o impasse: eu assinaria o contrato de tempo parcial e passaria a receber uma complementação a ser paga pelo Conselho de Pesquisas da Universidade. E assim foi, de modo que comecei a trabalhar já em março de 1960, dando aulas de Linguística para alunos do primeiro ano dos três cursos de Letras – Português, Neolatinas e Clássicas – e de Etnografia Brasileira e Língua Tupi para os do curso de Geografia e História. Fiquei instalado em uma sala do terceiro andar do então prédio novo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (hoje Edifício D. Pedro I), mas trabalhava também no sexto andar, onde ficava o Departamento de Antropologia. Nas aulas para os alunos de Antropologia, procurava dar um sentido a uma disciplina mista, criada por decreto. Nas outras, para os alunos de Letras, procurava interessar estes na pesquisa científica da língua, tanto na coleta, como na análise e interpretação dos dados. Os cursos não só de Letras, mas também de Geografia e História, como nas demais universidades brasileiras, estavam estritamente voltados para a formação profissional de professores para o ensino ginásial e colegial. Era muito difícil abrir neles espaço para a pesquisa científica – situação que só viria a mudar alguns anos mais tarde, com o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação. Embora eu me desse bem com todos os colegas do Departamento de Letras, meus melhores interlocutores para pesquisa estavam nos Departamentos de Genética, de Zoologia, de Geologia, de Botânica, além do de Antropologia e do Prof. Mansur Guérios, no de Letras. Aliás, a primeira conferência pública que fiz aqui foi a convite do geneticista Prof. Newton Freire Maia (“Origens do negro brasileiro”, Série Didática do Conselho de Pesquisas, 1960). Na Antropologia, a pesquisa mais importante foi sobre os índios Xetá. Na década de 1950, quando a empresa COBRINCO, dos governadores Moisés Lupion (Paraná) e Ademar de Barros (São Paulo), começou a desmatar as florestas ao norte do rio Ivaí, ficaram expostos vários grupos do povo Xetá, dos quais havia 40 anos não se tinha notícia. As primeiras notícias causaram sensação e apreensão entre os compradores de terras, mas os responsáveis pela execução do projeto de colonização aparentemente optaram por eliminar os índios. O Prof. Loureiro Fernandes estimulou a busca destes nas matas do Ivaí e, em 1958, juntamente com o engenheiro Vladimir Kozák, teve um encontro com um grupo de várias famílias, que foram filmadas e fotografadas por Kozák. Depois desse encontro, não conseguiram mais encontrar esse grupo. Em 1960, entretanto, Kozák insistiu comigo que havia a possibilidade

de encontrar mais índios Xetá em determinada área. De acordo com o Prof. Loureiro, organizamos a viagem e, nas férias escolares de julho, acabamos dando com duas famílias, sete pessoas ao todo. Eu trabalhei na documentação da língua e Kozák, na da cultura. Terminado julho, tivemos de voltar a Curitiba e ficamos de retornar no início de setembro, na Semana da Pátria. Retornamos efetivamente e então tivemos também a presença do Prof. Loureiro. Ampliamos a documentação e o conhecimento daquelas sete pessoas que, cortadas de todos seus parentes, procuravam levar adiante sua vida e a maneira como sabiam vivê-la, preocupados com as queimadas que se aproximavam. Outra vez, o esquema rígido da universidade nos obrigou a deixá-los, para voltar em janeiro seguinte. Encontramo-los com o acampamento mudado para outro ponto, pois o fogo já ameaçava de perto o anterior. Dessa vez esteve conosco a Dra. Annette Laming, arqueóloga francesa que então trabalhava em convênio com o Departamento de Antropologia e com o Instituto de Pesquisas desta universidade, e que aproveitou para observar a tecnologia de confecção de objetos, especialmente do machado de pedra. Nessas três visitas aos últimos Xetá, fomos acompanhados pelo índio Tuca, recentemente falecido, o qual tinha sido capturado antes de 1960, quando era ainda menino, e criado aqui em Curitiba, na casa do encarregado do Serviço de Proteção aos índios (SPI).

Darcy Ribeiro, quando era ministro da Educação, convidou-me, em 1961, para participar da criação da Universidade de Brasília, projetada segundo um modelo novo, que começaria logo pela institucionalização de cursos de pós-graduação. A nova universidade foi inaugurada em abril de 1962, mas eu, para não interromper abruptamente os cursos que dava aqui na Universidade Federal do Paraná, deixei para incorporar-me a ela somente em fevereiro de 1963. Assim, dei por encerradas minhas atividades aqui no Paraná em janeiro de 1963. Entretanto, em 1967, a convite da Profa. Cecília Maria Helm, voltei a fazer mais uma excursão por conta do Departamento de Antropologia para estudar a língua dos remanescentes Xetá, que tinham sido levados pelo Serviço de Proteção aos Índios de sua terra para uma área dos índios Kaingáng, cujos antepassados eram tradicionais adversários do povo Xetá.

Desculpem-me se esta fala foi toda centrada em mim, mas o título que acaba de ser-me concedido deixou-me muito vaidoso. Espero que os que propuseram este ato tenham tomado em consideração não os episódios de meu início de carreira, mas algo mais, que realmente justifique esta honraria. Muito obrigado a todos.